

## **Branco, racismo é coisa séria.**

Silvane Silva\*

“eugenia

A Boneca preta de Clarice não se podia tocar,  
era proibido com ela brincar porque parecia realmente com um bebê  
negro, de pele macia luzente e cabelo cheio de texturas.  
Eugenia fora um presente que a mãe de Clarice detestara.  
E ainda por puro deleite erudito batizara-a assim em letras  
minúsculas, sem acento, eugenia.” (Maria Tereza, *Negrices em Flor*, 2007.)

*“País de mestiços, onde branco não tem força de para organizar uma Ku Klux Klan, é  
país perdido.”* (Monteiro Lobato)

Quando criança não tive contato com a obra infanto-juvenil de Monteiro Lobato. Minha escola tinha uma bibliotecária que organizava visitas semanais à biblioteca e eu levava títulos novos para casa toda semana. Minha avó tinha costume de ficar lendo seus livros religiosos até tarde da noite e eu ficava junto, lendo meus livros, viajando nas histórias que lia. Coleção Vagalume sempre presente. Minhas professoras, também nunca me apresentaram Lobato. Não sei o motivo. Do sítio do pica-pau amarelo na TV, vi alguns poucos episódios. De lembrança das personagens, só me ficou a Cuca, da qual eu morria de medo. Portanto, não tenho memórias de infância referentes à Monteiro Lobato.

O primeiro livro de Lobato que li, foi no meu primeiro ano de trabalho em sala de aula, quando busquei um livro de histórias, de literatura, para ler nos dez primeiros minutos de aula, antes de entrar no conteúdo do livro didático propriamente dito. Era

---

\* Professora de História da Rede Pública, atualmente integrante da Equipe de Educação Escolar Quilombola do Núcleo de Inclusão Educacional da Secretaria de Educação do Estado de São Paulo. Licenciada em História pela UNESP de Assis; Mestre em História Social e Doutoranda em História pela PUC/SP. [silvanesilvaap@gmail.com](mailto:silvanesilvaap@gmail.com)

*História do mundo para crianças*. Li alguns trechos e depois desisti. Não podia ler para minhas alunas e alunos de dez anos, num momento da aula que era para ser prazeroso e descontraído, coisas como “até mesmo a pobre da Tia Nastácia que é uma preta analfabeta sabe que...”. Não queria ver minhas alunas negras se encolhendo na carteira, envergonhadas. Eu teria que dar explicações históricas, aí viraria conteúdo de aula. O que não era objetivo daquela atividade.

Anos depois, Lobato reapareceu para mim por conta de uma polêmica no país, sobre o livro *Reinações de Narizinho*. Partindo de uma denúncia de um cidadão, a equipe técnica de educação étnico-racial, do MEC, escreveu um parecer sobre utilização desse livro nas escolas, tendo em vista que ele estava na lista de leitura obrigatória de muitas escolas particulares e também constava no Programa Nacional de Bibliotecas Escolares- PNBE, comprado com verba pública para as escolas de todo o país. A professora Nilma Lino Gomes, Conselheira do MEC, relatora do parecer, foi crucificada por parte da mídia e por alguns intelectuais, rotulada como “censora de livros”. Afirmção mentirosa, tendo em vista que quem disse isso, provavelmente, não leu o parecer, já que em nenhum trecho há indicação de censura ao livro. O parecer diz que “o livro deve ser utilizado quando o professor tiver a compreensão dos processos históricos que geram o racismo no Brasil” e orientou que nas novas edições constassem notas explicativas e de contextualização da obra, para que os estereótipos raciais contidos sejam entendidos em seu contexto e não gerem discriminação das crianças negras. O interessante é observar que nesta mesma edição (Editora Globo, 2012), alvo da denúncia, há uma nota explicativa sobre o tema caçada, explicando que o livro “foi escrito num tempo em que os animais silvestres ainda não estavam protegidos pelo Instituto Brasileiro do Meio Ambiente-IBAMA, nem a onça era espécie ameaçada de extinção como nos dias atuais”. A editora, apesar de toda legislação vigente, no que se refere às relações étnico-raciais e educação antirracista, não considerou importante a existência de nota explicativa para tratar do contexto racial do Brasil de hoje, das lutas pela superação do racismo. O que estaria dentro da mesma lógica de processo educativo de preocupação que a editora teve com a educação ambiental.

Agora, me deparo novamente com uma obra de Lobato, intitulada *O Presidente Negro*. E sou desafiada a responder se Monteiro Lobato era racista. E como não responder fácil e prontamente: Sim, ele era racista!

Vou tentar explicar o porquê da minha afirmação, mesmo acreditando que parte de sua obra, e de sua biografia, por si só seja a explicação. Mas vou ponderar e

lembrar que estamos no Brasil e, que nós brasileiros temos sérios problemas em assumir nosso racismo. Então vou tentar ultrapassar as camadas de branquitude de pensamento em que nosso racismo se esconde (BENTO, 2002). Tentarei fazê-lo contrapondo três argumentos:

Argumento 1: Monteiro Lobato não era racista, era eugenista.

Resposta: Com licença, meu branco: Existe eugenia sem racismo? Ôxe! Branco, só uma coisa: Eugenia é racismo!

Eugenia, termo criado em 1883 por Francis Galton, significa “bem-nascido”, era um discurso científico que pregava o controle social para melhorar as qualidades raciais das futuras gerações (física ou mentalmente) e que acreditava na purificação das raças para solucionar os males da humanidade. Fortemente arraigado entre os intelectuais europeus da virada do século, foi refutado a partir da década de 1930. Uma pseudo-ciência, de acordo com Antonio Cândido, que angustiava os intelectuais brasileiros quando pensavam na situação do Brasil com sua mestiçagem local (CANDIDO, 1987).

Depois de proclamada a inferioridade das raças não-brancas pela ciência, a questão étnica tornou-se central no Brasil em termos de implantação do liberalismo e do trabalho assalariado. O racismo científico foi adotado, de forma quase unânime, a partir de 1880, enviesando os ideários liberais ao refrear suas tendências igualitárias e democratizantes e dar argumentos para estruturas sociais e políticas autoritárias. Deste modo, as teorias racistas não exprimiram apenas interesses colonialistas e imperialistas, mas também se articulavam aos interesses de grupos nacionais dominantes ligados à modernidade. O racismo e o liberalismo foram redefinidos no Brasil. Os sistemas de pensamento europeus foram integrados segundo os interesses políticos e culturais das camadas letradas de forma crítica e seletiva. Tais camadas estavam preocupadas em adequar os ideários estrangeiros à realidade local. (VIOTTI, 1987.)

Na ficção de Monteiro Lobato, ao se realizar a eugeniização da raça, com o genocídio dos negros no hipotético Estados Unidos de 2228, estaria solucionado o dilema racial, e todos (da raça branca, que foram os que sobraram) seriam felizes para sempre. Assim como na ficção, na vida real, Lobato acreditava que a solução dos Estados Unidos, o ódio, a segregação teve um resultado positivo para a história desse

país. Já no Brasil, a solução da miscigenação não foi uma boa alternativa. Já que levou o país ao atraso. Em cartas trocadas com seu amigo Godofredo Rangel, e publicadas em *A Barca de Gleyre*, Lobato afirmou:

“(...)Dizem que a mestiçagem liquefaz essa cristalização racial que é o caráter e dá uns produtos instáveis. Isso no moral – e no físico, que feiúra! Num desfile, à tarde, pela horrível Rua Marechal Floriano, da gente que volta para os subúrbios, que perpassam todas as degenerescências, todas as formas e má-formas humanas – todas, menos a normal. Os negros da África, caçados a tiro e trazidos à força para a escravidão, vingaram-se do português de maneira mais terrível – amulatando-o e liquefazendo-o, dando aquela coisa residual que vem dos subúrbios pela manhã e reflui para os subúrbios à tarde. E vão apinhados como sardinhas e há um desastre por dia, metade não tem braço ou não tem perna, ou falta-lhes um dedo, ou mostram uma terrível cicatriz na cara. ‘Que foi?’ ‘Desastre na Central’. Como consertar essa gente? Como sermos gente, no concerto dos povos? Que problemas terríveis o pobre negro da África nos criou aqui, na sua inconsciente vingança!...” (LOBATO, 1944).

No recém lançado, *Brasil: uma biografia*, Lilia Moritz Schwarcz, destaca que o Brasil foi o único país latino-americano a participar do I Congresso internacional das Raças, em 1911. João Batista de Lacerda, na época diretor do Museu Nacional do Rio de Janeiro, apresentou neste congresso o artigo *Sur eles métis au Brasil*, no qual apostava-se que no século XXI os mestiços teriam desaparecido do Brasil:

“fato que coincidirá com a extinção paralela da raça negra entre nós. O texto apostava, a partir de argumentos biológicos e sociais, num futuro branco e pacífico, com negros e mestiços desaparecendo para dar lugar a uma civilização ordenada e crescentemente branqueada”(SCHWARTZ, 2015,p.343).

A antropóloga e historiadora diz ainda que, muitos não receberam bem o artigo, porque julgavam que um século era tempo demais para que o Brasil se tornasse definitivamente branco. Traz também a informação de que o antropólogo Roquete Pinto, presidente do I Congresso Brasileiro de Eugenia, ocorrido em 1929 afirmava a seguinte previsão: em 2012 teríamos uma população composta de 80% de brancos e 20% de mestiços, não haveria mais entre nós nenhum branco e nenhum indígena. Ou seja, a ciência naturalizava a história, transformando hierarquias sociais em dados imutáveis. (SCHWARTZ, 2015, p.343)

Percebe-se que Monteiro Lobato alicerçou as supostas previsões futurísticas de *O Presidente Negro*, em fatos bastante reais do Brasil de então. Época em grande parte da elite intelectual brasileira seguia as ideias do racismo científico.

Argumento 2- Monteiro Lobato não era racista. Era um homem do seu tempo, e nessa época todos pensavam assim. Por isso não pode ser chamado de racista. Isso é anacronismo!

Resposta: Ah! Dá um tempo branco!

O livro *O Presidente Negro* foi escrito em 1929, já anteriormente, André Pereira Rebouças, Luiz Gama, José do Patrocínio, Theodoro Sampaio e, contemporâneos ao livro, Mario de Andrade, Manoel Querino e os jornais da Imprensa Negra como: O Menelick (1915), O Clarim da Alvorada (1924), Quilombo (1929), O Getulino e outros, num total de trinta títulos de 1889 a 1929 (DOMINGUES, 2004), traziam ideias totalmente opostas as de Lobato. Discutiam os direitos da população negra e lutavam pelo fim do racismo.

Nem todos na época de Lobato pregavam ideias racistas, como nos tempos de hoje nem todos pregam ideias antirracistas.

“A despeito do importante caráter literário da obra de Monteiro Lobato, o qual não se pode negar, é necessário considerar que somos sujeitos da nossa própria época, porém, ao mesmo tempo, somos responsáveis pelos desdobramentos e efeitos das opções e orientações políticas, pedagógicas e literárias assumidas no contexto em que vivemos. Nesse sentido, a literatura em sintonia com o mundo não está fora dos conflitos, das tensões e das hierarquias sociais e raciais nas quais o trato à diversidade se realiza. São situações que estão presentes nos textos literários, pois estes fazem parte da vida real. A ficção não se constrói em um espaço social vazio.” (GOMES, 2011, p.6).

Se, somos produtos de nossa época, temos que assumir que vamos cometer preconceitos e deslizes, porque felizmente as ideias vão mudando. A obra de Lobato deve ser utilizada pelos mesmos motivos para o qual foi criada: para discutir a sociedade.

É impossível não reconhecer que Lobato era inovador, que nas aventuras das suas histórias infantis as crianças é que dominavam a história, que era escritor criativo, ousado e que sua obra é viva ainda nos dias de hoje. Era um homem que

condenava o absurdo da guerra, sua obra é fundada em valores do ocidente, da cultura greco-romana. E também, era contraditório, porque nós humanos o somos. Não há problema em assumir que pessoas absolutamente incríveis e produtivas em suas funções na sociedade, foram racistas em sua época. A escravização do negro africano foi baseada em racismo científico. Esse pensamento existiu e teve continuidade na sociedade brasileira ao longo dos anos. A inferioridade da raça negra foi reforçada, reformulada e reinventada todos os dias, em todas as esferas da sociedade brasileira, mesmo depois de confirmada pela ciência a não existência de raças entre os humanos.

Um estudo realizado em 2013 sobre a presença ou não de racismo na obra de Monteiro Lobato, intitulado *Monteiro Lobato e o politicamente correto*, destaca que nos debates “a relativização ou mesmo negação do caráter racista do escritor vem acompanhada de uma apologia ao seu lugar de destaque no panteão dos heróis literários da pátria”. (FERES JUNIOR, 2013). Como se ao assumirmos o racismo presente em algumas obras de Monteiro estivessemos eliminando todo o valor a sua obra literária. O que não é real.

Dizer que Lobato era racista não invalida suas obras, pois esta é uma das suas características, dentre dezenas de outras. Reconhecer o racismo em Monteiro Lobato e, reconhecer o racismo na sociedade brasileira daquela época e a de agora, é demonstrar conhecimento dos estudos sobre relações raciais no Brasil, realizados ao longo dos anos. Especialmente, os estudos realizados por intelectuais negros e negras.

Argumento 3 - Mas é só literatura! É arte. A arte não tem obrigação de ser politicamente correta, senão engessa! Esse não é o papel da literatura!

Resposta: Ok. Mas, branco, qual literatura? A literatura branca? Feita por brancos, para brancos, para manter privilégios dos brancos?

A literatura como arte se insere nas problemáticas sociais, sendo portadora de valores e significados originais, de uma visão de mundo particular, manifestando características de um determinado grupo social, ou seja, uma obra literária carrega, intrinsecamente, a relação entre o escritor e o seu público. (CANDIDO, 1987, p.33).

Ao analisar uma obra literária deve-se abordar o contexto histórico, inseri-la no movimento da sociedade e verificar a forma como esta constrói ou representa a sua relação com a realidade social. Sem perder de vista que, a literatura é antes de tudo

um produto artístico, destinado a agradar e a comover. No entanto, da mesma maneira que não podemos imaginar uma árvore sem raízes, ou que a qualidade dos seus frutos não depende das características do solo, da natureza do clima e das condições ambientais, na literatura encontramos indícios de uma época, sentimentos e modos de vida. Além disso, a literatura tem a emoção do autor, sua criatividade e muitas de suas fantasias. Ao escrever cada autor acaba mostrando o tempo em que viveu, a história do país naquela época, a sua visão de mundo e da sociedade em que vivia e procura ensinar algo ao leitor, sempre valorizando o que é importante para ele. (SEVCENKO, 1999).

Marisa Lajolo, especialista nas obras de Monteiro Lobato, acredita que discutir a representação do negro na obra de Monteiro Lobato, além de contribuir para um conhecimento maior deste escritor brasileiro, pode renovar os olhares com que se olham os sempre delicados laços que enlaçam literatura e sociedade, história e literatura, literatura e política e similares binômios que tentam dar conta do que, na página literária, fica entre seu aquém e seu além. Além do texto, aquém da vida. (LAJOLO, 1999, p.33).

Ruy Castro na apresentação do *Livro Rio Negro-50*, do escritor Nei Lopes, diz que na literatura brasileira o lugar dos brancos é na sala, e o dos negros na cozinha ou no quintal – Isso quando são perceptíveis, o que também é raro. Se se aplicasse às nossas cidades o mesmo critério de despovoamento, elas, as cidades, praticamente desapareceriam (LOPES, 2015).

No caso do livro *O Presidente Negro*, por estar fora de seu lugar costumeiro, o personagem negro foi morto e toda sua descendência extinta para todo o sempre. É quase um “não ouse sair do lugar que nós brancos determinamos para vocês! Senão olha o só que te aconteceu!”. Monteiro Lobato sabia o que estava fazendo, pois ele mesmo afirmou, fora da ficção, em cartas ao seu amigo Godofredo Rangel, que a fazia uso da literatura para dizer o que não podia ser dito diretamente, às claras. Dizia que a literatura “*é um processo indireto de fazer eugenia, e os processos indiretos, no Brasil, 'work' muito mais eficientemente*” (LOBATO, 1944).

Disse ainda com relação ao fato de as editoras dos Estados Unidos terem se recusado a publicar o livro:

"Meu romance não encontra editor. [...]. Acham-no ofensivo à dignidade americana, visto admitir que depois de tanto séculos de progresso moral possa este povo, coletivamente, cometer a sangue frio o belo crime que sugeri. Errei

vindo cá tão verde. Devia ter vindo no tempo em que eles linchavam os negros." (LOBATO,1944)

Um outro destaque costumeiramente dado à obra de Lobato, em especial em *América* e *O presidente Negro*, é a sua ânsia por inserir o Brasil na modernidade. Máquinas, medicina avançada, tudo isso estava presente em sua ficção. Até mesmo a descoberta antecipada do petróleo no Brasil, pelo personagem Visconde do *Sítio do pica-pau amarelo*. Daí vinha a profunda admiração que Lobato tinha pelo Estados Unidos. Como nos mostra o historiador Pedro Tota,

“Monteiro Lobato foi um dos que se apaixonam pela via americana como saída para o nosso atraso. Uma botinas nos pés dos jecas e um trator, como descrito em na conversa com Mr. Slang, em América, seriam suficientes para criar um homem novo, um brasileiro verdadeiramente forte, capaz de levar os estados Unidos do Brasil a se equipar aos United States of America.” ( TOTA, 2000, p.11).

No livro posto aqui em questão, *O Presidente negro*, poderíamos também discutir a representação que o autor faz do papel das mulheres na sociedade. Poderíamos destacar sua inegável misoginia, mas seria assunto para muitas páginas, não cabendo no recorte deste artigo.

Vale ainda enfatizar que na literatura, as representações construídas do mundo social, embora aspirem à universalidade são sempre determinadas pelos interesses de um grupo que as forjam. A representação é a construção de uma rede de relações e as percepções do social não são discursos neutros. Ao contrário, produzem estratégias e práticas que tendem a legitimar um determinado projeto. Deve-se levar em consideração a rede de solidariedade e ou antagonismo, enfim, as inter-relações entre os atores, o texto e o contexto, as lutas de representações tem tanta importância quanto as lutas econômicas para a compreensão dos mecanismos pelos quais um grupo impõe, ou tenta impor, sua concepção do mundo social, seus valores e seu domínio (CHARTIER, 1990). Estão aí os estudos decoloniais para demonstrar isso.

### Considerações Finais

Quando Monteiro Lobato, em algumas obras, apresenta a personagem negra como “macaca de carvão”, “tição”, “boçal”, “pobre diabo”, “carne preta”, “urubu fedorento”, talvez o leitor branco não sinta nada, nem sequer um pequeno incômodo. E se não sente é porque não é de você, leitor branco, que



ele está falando, é para você (GONÇALVES, 2010). Agora, como disse Ronald Augusto: “Chega de lavar suas mãos brancas (...). As crianças precisam saber quem foi Monteiro Lobato e os adultos ainda mais” (AUGUSTO, 2015).

Monteiro Lobato era racista em seu tempo e seus textos continuam sendo racistas hoje. Isso não quer dizer que não devamos lê-los, mas devemos fazê-lo tendo consciência da realidade das relações raciais no Brasil, de ontem e de hoje.

Devemos ler Lobato sabendo não existe harmonia social, não existe democracia racial. E que, nós brasileiros somos racistas. O Brasil é um país miscigenado. Fato. Mas não é por isso não exista hierarquização de raças. Já passou da hora de assumirmos que na sociedade brasileira existem relações sociais desiguais e hierárquicas baseadas em raça. Só assim poderemos avançar.

Não adianta argumentar que “não somos os Estados Unidos, que aqui a história é diferente”, porque já sabemos disso. Saiba-se também que, não existe racismo melhor ou pior. Racismo é racismo. A diferença do racismo à brasileira é que não é assumido e, talvez por isso mesmo, seja tão difícil de ser superado. A psicologia dá conta de explicar que se não assumimos um problema, se o camuflamos, não o superamos. Então, o primeiro passo é assumir: somos racistas! Não apenas Lobato, mas todos nós brasileiros.

É assustador o modo como grande parte dos intelectuais, muitos considerados elite pensante e que ocupam a posição de formadores de opinião, desconhecem os textos escritos por intelectuais e pensadores negros, desde o período escravista até os dias de hoje. Desconhecem toda a produção de pensamento e literatura negra dentro e fora da academia. Os intelectuais quando debatem a existência ou não de racismo em Monteiro Lobato, o fazem totalmente assentados em pensamento branco.

Tais intelectuais desconsideram os argumentos postos por pensadores e intelectuais negros, da academia e do movimento social negro, rotulando-os, de maneira a desqualificá-los como “discurso militante” ou “discurso vitimista”.

Como já destacou o escritor Oswaldo de Camargo, para a sociedade brasileira, tão pernicioso quanto o racismo é a indiferença, esse “sono da

alma”, que faz com que eu não enxergue, nem escute o outro, aquele que é diferente de mim.(CAMARGO, 2011).

Enfim, temos ainda muito que avançar nos estudos das relações raciais no Brasil, para que consigamos tirar do pensamento hegemônico as inúmeras camadas de branquitude que nos foram impostas. Que tal nos despirmos dessa branquitude e conversarmos a sério sobre isso? Respeitando e reconhecendo também as opiniões dos pensadores e pensadoras negras e negros como válidas.

"Um dia se fará justiça ao Ku Klux Klan; tivéssemos uma defesa dessa ordem, que mantém o negro no seu lugar, e estaríamos livres da peste da imprensa carioca: mulatinho fazendo o jogo do galego, e sempre demolidor porque a mestiçagem do negro destrói a capacidade construtiva." (Monteiro Lobato, 1944).

#### Referências Bibliográficas

AUGUSTO, Ronald. *Dá licença meu branco*. Disponível em: <http://poesia-pau.blogspot.com.br/2011/05/da-licenca-meu-branco.html?view=magazine>

Acesso em 30/Mai/2015.

CAMARGO, Oswaldo de. *A descoberta do frio*. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2011.

CANDIDO, Antônio. *De cortiço a cortiço*. Novos Estudos. CEBRAP, 1991.n.30, pp.99-110.

\_\_\_\_\_. *Literatura e Sociedade: estudos de teoria e história literária*, São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1987.

CARONE, Iary e BENTO, Cida. *Psicologia Social do Racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2002.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural*, Lisboa: Difel, 1990.

COSTA, Emilia Viotti da. *Da Monarquia a República - momentos decisivos*. 4.ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

DOMINGUES, Petrônio José. *Uma História não contada: negro, racismo e branqueamento em São Paulo no pós-abolição*, São Paulo: Editora Senac, 2004.

FERES JÚNIOR; NASCIMENTO e EISENBERG. *Monteiro Lobato e o Politicamente Correto*. Em: DADOS – Revista de Ciências Sociais, Rio de Janeiro, vol. 56, no 1, 2013, pp. 69 a 108.

GONÇALVES. Ana Maria. *Não é sobre você que devemos falar*. Disponível em: [http://www.idelberavelar.com/archives/2010/11/nao\\_e\\_sobre\\_voce\\_que\\_devemos\\_falar\\_por\\_ana\\_maria\\_goncalves.php](http://www.idelberavelar.com/archives/2010/11/nao_e_sobre_voce_que_devemos_falar_por_ana_maria_goncalves.php) . Acesso em 30/Mai/2015.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo, *Intelectuais negros e formas de integração nacional*. Em: Estudos Avançados, Dossiê *O Negro no Brasil*. São Paulo: IEA/USP. Vol. 18 - Número 50 - Janeiro/Abril 2004.

LAJOLO, Marisa. *Lobato, um Dom Quixote no caminho da leitura*. Em: *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. São Paulo: Editora Ática, 1999.

\_\_\_\_\_. *Lendo e escrevendo Lobato*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999 . p.65-82.

LOBATO, Monteiro. *A barca de Gleiyre*. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1944.

LOPES, Nei. *Rio Negro-50*. Rio de Janeiro: Record, 2015.

SEVECENKO, Nicolau. *Literatura como Missão: Tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

SILVA, Silvane. *Racismo e sexualidade nas representações de negras e mestiças no final do século XIX e XX*. Em: LOPES, Maria Ap. de Oliveira. *História do Negro no Brasil. Escravidão, gênero, movimentos sociais e identidades*. São José, SC: Premier, 2011, pp.161-182.

TEREZA, Maria. *Negrices em flor*. São Paulo. Edições Toró, 2007. Disponível em: <http://www.edicoestoro.net/nossos-livros/1-poesia/12-negrices-em-flor-maria-tereza.html>. Acesso em 30/Maio/2015.

TOTA, Pedro. *O imperialismo sedutor: a americanização do Brasil na época da segunda guerra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.